

As saloias vendendo na praça da Figueira — Desenho original de Annunciação — Gravura de Pedroso

Quando el-rei D. Affonso Henriques tomou a nossa Lisboa aos moiros, por não despovoar a cidade, deixou ficar quasi todos os habitantes que ao seu dominio se submetteram, na posse dos bens e casas que tinham, impondo-lhes um tributo a que chamaram *çalayo*.

D'esta mesma tolerancia, que a politica e o christianismo aconselhavam, usou o primeiro monarcha portuguez para com os moradores dos logares circunvisinhos da cidade.

Foi esta augmentando successivamente em população christã, que em si absorveu a raça moirisca, com muita mais facilidade do que nos campos, onde a moirama pura subsistiu por muito tempo.

É fama que a estes moiros dos arrabaldes de Lisboa se ficou dando o nome de *çaloyos*, derivado este nome, já corrompido, do que elles davam a uma reza que repetiam cinco vezes ao dia, chamada *çala*.

O certo é que este nome, aportuguezado em *saloio*, subsistiu depois de já povoados esses logares por christãos, e ainda hoje se dá a todos os moradores dos suburbios de Lisboa.

Para corroborar esta ethimologia, adduzem os antiquarios um tributo que antigamente se pagava do pão cozido no termo de Lisboa, conhecido e citado pela denominação de *çalayo*.

O saloio constitue um typo caracteristico, que se distingue de todas as mais raças de camponezes em Portugal, e já tem sido descripto por boas pennas, pintado por bons pinceis, e posto em scena no theatro por bons poetas.

Os saloios são os que abastecem de fruta e hortaliça a praça da Figueira, ou mercado publico, de Lisboa.

D'esse mercado é que o insigne professor de paizagem da academia de Bella-artes, o sr. Th. J. da Annunciação, copiou as duas saloias que desenha a nossa gravura, com os rigorosos trajos que usam hoje. Ainda não ha muitos annos, usavam ellas sobre o lenço da cabeça, uma carapuça de panno de côr, em fórma de cartuxo de assucar, inclinada para a testa.

A estampa representa um dos angulos da praça da Figueira. Uma das saloias é vendedeira de fruta que trouxe da terra, em cesto vindimo e canastra. A outra vende criação, que está mettida em capoeira volante. Ao pé está um dos homens de ganhar (gallego) com o classico cabaz oblongo, ganhões que giram por aquella praça, perseguindo os compradores com o repetido estribilho de: *Quer algum moço?*

O desenho está mui gracioso e correcto. O quadrinho bem campido, e de rigorosa perspectiva. São estes os predicados de todas as pinturas do sr. Annunciação.

O ECLIPSE DE 18 DO CORRENTE MEZ

Os eclipses, os do sol principalmente, foram entre os antigos, e ainda hoje entre a gente ignorante, olhados com terror, e tomados como prognotico de terriveis calamidades.

Cicero refere que o eloquente Pericles, vendo os athenienses aterrados com um eclipse do sol, que repentinamente havia mudado o dia em noite, lhes explicára em um discurso publico a causa d'este phenomeno, o que elle tinha aprendido na eschola de Anaxagoras, o primeiro philosopho que explicou os eclipses, 500 annos antes da era christã; mas os interessados na ignorancia do povo (que são muitos em todos os tempos) desterraram-no de Athenas, por elle ter a criminosa curiosidade de querer saber o que se passava lá no ceo!

Os romanos ainda foram mais pacovios, porque durante os eclipses totaes accendiam grandes fachos e fogaréos, levantados para o ceo, julgando que assim tornavam a accender a luz solar apagada pelo eclipse! E logo que o sol tornava a luzir, festejavam-no com um grande fragor das trombetas, timbales e outros instrumentos de amotinar os ouvidos nas mãos da plebe rude. A esta motinada allude, por escarneo, o poeta Juvenal n'uma das suas satyras.

Não só a ignorancia, tambem a malicia tem representado o seu papel n'esta comedia que a antiguidade fez dos eclipses.

Os generaes romanos serviram-se muitas vezes dos eclipses para os seus intentos ambiciosos, para evitar batalhas, levantar sitios, atalhar a sublevação dos soldados, e outras que taes cavillações, referidas pelos historiadores e poetas latinos.

Em Portugal tambem houve, nos principios da monarchia, um eclipse total, que deveu causar grande pavor, porque serviu de epocha durante muito tempo, segundo se deprehende de varias inquirições tiradas depois do anno de 1220, nas quaes dizem as testimunhas, perguntadas sobre a sua idade, que tinham tantos annos *quando o dia foi noite*. Ja se vê que foi para o nosso reino eclipse total, porém a ignorancia d'aquelles tempos não lhe chama eclipse, mas *dia-noite*, como se lê n'aquelles documentos.

Em todos os tempos a sciencia tem explicado este phenomeno como coisa mui natural, e de facil intuição, mas ainda não conseguiu dissipar a apprehensão infausta que o povo concebe dos eclipses. Ainda ha quem supponha que na occasião do escurecimento morre algum astro; outros julgam que o sol está brigando com a lua; alguns crêem que Deus lá do ceo nos faz uma advertencia tenebrosa de que quer castigar o mundo; mas nem por isso, os que isto crêem, emendam a sua vida!

É vergonhoso, que o homem dotado da faculdade de comprehender o machinismo celeste, e tendo tantas observações dos sabios para se inteirar da causa por que se obscurecem o sol e a lua, se pareça com os brutos n'estes terrores. Os animaes é que machinalmente se assustam com esta subita mudança da luz em trevas. Os rebanhos no campo fazem mó, apertando-se uns contra os outros em attitude de se defenderem do inimigo. As gallinhas recolhem-se logo ás suas capoeiras, e os passaros aos seus ninhos e abrigos, cessando repentinamente de cantar; e tem-se visto, durante os eclipses totaes, cairem os passarinhos atordoados sobre as arvores e contra os muros. As feras sáem dos seus covis, e muitas vezes os morcegos apparecem como de noite.

Em vista de tudo isto, cumpre que os jornaes e livros populares porfiem em explicar, clara e chãmente, este phenomeno celeste, para dissipar de todo os vãos preconceitos do vulgo. É o que vamos fazer.

A palavra *eclipse*, no sentido proprio, quer dizer obscurecimento do sol pela interposição da lua, e obscurecimento da lua pela interposição da terra.

Quando se colloca um corpo opaco defronte de um foco luminoso, produz uma sombra, cuja grandeza depende, tanto da distancia que separa o corpo opaco do foco luminoso, como da grandeza d'este mesmo foco. Se observarmos duas espheras desiguaes, sendo a maior luminosa, produzirá por detraz da mais pequena uma pyramide conica de sombra, cuja base será quasi um grande circulo da esphera. Supponhamos agora, que um segundo corpo, opaco, passa entre o foco luminoso e o primeiro corpo, uma sombra, analoga, veremos por detraz d'este segundo corpo; e se a sua grandeza, e a distancia do primeiro lh'o permittirem, esta sombra abrangerá a esphera menor de que acima fallámos. Haverá então eclipse total do foco luminoso para todos os pontos da esphera que estiverem na sombra do corpo que se interpoz entre ella e o foco de luz.

As tangentes exteriores dos corpos luminosos e dos corpos opacos determinam os limites da sombra, em quanto que as tangentes interiores são os limites da penumbra. Dos pontos da esphera que se acham na penumbra do corpo opaco situado entre ella e o foco luminoso, só se verá uma parte do foco; haverá então eclipse parcial para cada um d'esses pontos da esphera situados na penumbra.

As pessoas menos familiarisadas com os termos de geometria e de astronomia que tivemos de empregar n'esta explicação, podem recorrer a qualquer diccionario da nossa lingua, que lá os acharão definidos, porque se os quizeramos tornar accessiveis a todos os leitores, isso nos toldaria a clareza d'esta exposição.

Appliquemos agora a theoria exposta aos eclipses do sol e da lua.

Sendo o sol um foco luminoso maior que a terra, e situado a grande distancia do nosso globo, todo o corpo que passar pelo tronco da pyramide conica, tendo por bases os grandes circulos da terra e do sol, perpendiculares á linha dos centros d'estes globos, occultará, em todo ou em parte, o disco solar aos observadores que estiverem na passagem da sombra ou da penumbra, produzidas pelo corpo que se interpoz entre a terra e o sol.

A lua, corpo quasi espherico, é o unico que póde passar no tronco do cone luminoso de que já fallamos. A sua distancia da terra, e o seu diametro apparente permittem-lhe eclipsar completamente o sol, em certas circunstancias. As variações por que estes dois elementos passam durante a sua marcha em volta da terra, permittem que o nosso satellite cause ora eclipses totaes, ora eclipses parciaes, e outras vezes eclipses annulares.

A sombra, e tambem a penumbra, que acompanham a lua no seu movimento, não podem cobrir toda a parte da terra allumiada pelo sol na occasião do eclipse. Por esta razão não póde haver nunca senão eclipses locaes; o que faz com que, havendo realmente mais eclipses de sol que da lua, se observam, n'um ponto determinado, mais eclipses da lua que do sol.

Diremos por ultimo, que o motivo de não ser a hora das differentes fases dos eclipses, a mesma para todos os logares onde este phenomeno se torna visivel, é porque á medida que a lua atravessa o cone luminoso que está entre a terra e o sol, a sua sombra adianta-se sobre a superficie da terra, seguindo sempre a marcha do nosso satellite.

No eclipse d'esta semana aconteceu que:

Em Paris começou á 1 hora e 54 minutos, e acabou ás 4, 8 minutos e 7 segundos.

Em Lisboa começou á 1 hora, 6 minutos e 9 segundos, e acabou ás 3, 34 minutos e 9 segundos.

Nas ilhas Baleares, onde o eclipse era total, estava marcado o principio á 1 hora, 59 minutos e 39 segundos; fim ás 4, 19 minutos e 8 segundos.

Combinando o já referido movimento da sombra,

com os movimentos de translação e rotação da terra, se obtem as curvas que limitam os pontos da superficie terrestre d'onde se póde ver o eclipse.

Foi por esta facil combinação que se traçou a zona que o eclipse de 18 de julho havia de obscurecer desde a California até ás praias do mar Vermelho.

A sombra pura d'este eclipse percorreu a America do Norte, o Oceano Atlantico, o norte da Hespanha, o Mediterraneo, as ilhas de Formentera e de Iviça, Argel, e terminou no interior da Africa.

A ultima projecção da sombra foi em Nubia, nas margens do Mar Roxo, ás 4 horas da tarde. Uma hora depois, a penumbra tinha deixado completamente o nosso globo.

Os eclipses totaes do sol, não sómente são raros para um logar determinado, mas só se reproduzem com grandes intervallos para a terra em geral.

A observação d'este phenomeno é de muita importancia, pois que, por meio d'ella se podem aperfeiçoar as taboas astronomicas, resolver a grande questão das protuberancias da lua, e parece que tambem a outra questão de não somenos importancia, qual é a da constituição physica do sol.

Por isso este eclipse de 1860 excitou mais que nenhum a attenção de todos os astronomos do mundo.

Para se combinarem as observações parciaes, se estabeleceram sete estações, desde o Pacifico até ao Nilo.

Como a zona obscura do eclipse total abrangia a Hespanha na extensão de 133 legoas, com a largura de 50, foi este reino o escolhido para a reunião capital dos astronomos, em diversas estações alli estabelecidas. Dois novos auxiliares tinham d'esta vez os astronomos — a electricidade e a photographia; além de muitos instrumentos de observação recentemente aperfeiçoados.

Perto de cincoenta mathematicos de todas as nações concorreram á Hespanha, cujo governo lhe fez a mais bizarra hospedagem, facultando-lhes a entrada livre de todos os instrumentos que os observadores julgassem indispensaveis para os seus estudos.

De Portugal foram para aquelle ponto dois lentes da faculdade de mathematica, e um dos adjuntos do observatorio meteorologico do infante D. Luiz, na Eschola Polytechnica de Lisboa.

Ignorâmos se em Portugal se fizeram algumas observações scientificas; o que sabemos é que todos os que tinham vista, ou não estavam doentes de cama, vieram ás suas janellas, ou se espalharam pelas praças e eminencias para verem a occultação quasi total do astro do dia, que chegou a estar mettido no escuro até ao decimo digito [1] do seu diametro. Mas ninguem exclamou, misericordia! como de outras eras se conta.

Esperâmos que a photographia nos dê a vera effigie do sol eclipsado, para a communicarmos pela gravura aos nossos leitores.

[1] O diametro do sol e da lua suppõe-se dividido, para os calculos astronomicos, em 12 partes eguaes, ás quaes se chama digitos.

CONTOS DE COR DE ROSA

(Conta-os o auctor a sua mulher)

(Vid. pag. 150)

A RESURREIÇÃO DA ALMA

I

«Mañanita de San Juan,
cuando la gente madruga»

sairam de Ipenza Catalina e Santiago, e desceram ao valle cantando e saltando por entre os carvalhos para ir ouvir a missa das almas.

Catalina era uma menina de doze annos, loira como tu eras, meu amor, quando tinhas a sua edade, e com uns olhos azues, que me rio eu dos teus quando n'elles penso.

Santiago era um rapaz de quinze annos, de rosto queimado, e olhos negros como o azeviche.

Catalina era a doce virgem do Septentrião, rica de pureza e bondade.

Santiago, o mancebo do Meio-dia, era energico, buliçoso e apaixonado.

Catalina não conhecia pae nem mãe. Quica, a senhora de Ipenza, isto é, a mãe de Santiago, ouviu, em certa manhã de inverno, para o lado do forno, uns vagidos como de criança recemnascida, e apressou-se em descobrir quem os dava. Dentro do forno estava uma menina recemnascida, mettida n'uma alcofa e envolta em farrapos.

Foi grande a admiração de Quica, á vista d'aquelle achado.

— Santo nome de Deus! exclamou a boa da aldeã tomando em seus braços a criancinha, e cobrindo-a de lagrimas e beijos. Santo nome de Deus! em que entranhas de fera te geraste!

E descobrindo que a criança tinha um papel atado com as faixas, apressou-se a lel-o.

O papel dizia:

«Esta criança não está baptisada. Sua angustiada mãe pede, pelo amor de Deus, aos moradores de Ipenza que amparem esta pobre creaturinha. Deixei-a n'este sitio para que não lhe façam damno os animaes, e para que não morra de frio; porque o forno, que se aqueceu hontem, ainda hoje estará tepido: e porque, sobre tudo, Quica, a senhoria de Ipenza, é boa e caritativa.»

Quica, que antes de ler o papel começava a dirigir improperios contra as mães que abandonam o fructo de suas entranhas, não se atreveu, depois da leitura, a maldizer a mãe d'aquella innocente.

Voou a dar conta a seu marido d'aquelle inesperado succedimento. Em instantes substituiu com bom vestido, que servira a seu filho, os farrapos em que se envolvia a menina; e deu ordem para que fossem chamar uma ama, que vivia na propriedade immediata, para matar a fome ao anginho.

Ramon, que assim se chamava o senhorio de Ipenza, tinha tão bom coração como sua mulher.

— Que faremos d'este pobre anjo de Deus? — disse-lhe Quica, encarando-o com attenção tal, que todos haveriam dito que dava muito peso á sua resposta.

— Que havemos de fazer? — respondeu Ramon — Dar parte ás auctoridades para que tomem conta d'elle.

— Valha-me Deus — exclamou Quica entristecendo-se — aonde irá parar esta criancinha! Talvez ás mãos de alguma ama que a deixe morrer em quatro dias!

E beijando a menina, com os olhos arrasados em lagrimas, acrescentou:

— Como é formosa!... Como és linda, prenda da minha alma!

— É linda, na verdade! — repetiu Ramon, contemplando tambem enternecido a recemnascida.

— Meu amigo, bem dizem que a fortuna foge de quem a procura. Eu, que sempre pedi ao Senhor uma filha, não a tive; e ás desalmadas, que as abandonam, dá-as o Todo-Poderoso como seraphins do ceo.

— Mulher, nós devemos conformar-nos com a vontade de Deus.

— Porém, Ramon, não vês que joia é esta criança?...

— Sim, sim, é formosa. Deus a abençoe!

— E pensar eu que vaes, talvez, dar com alguma

ruim ama, que só terá carinho pelas mezadas da misericordia...

— Tens razão, mulher, esse pensamento retalha a alma!

Quica desesperava-se ao ver que seu marido não adivinhava, ou não queria adivinhar os seus desejos.

Ia-os formular em decisivos termos, quando o meirinho do concelho appareceu n'um alto para onde dava a propriedade de Ipenza, e gritou:

— Ramon, da parte do sr. alcaide aviso-vos de que no domingo, ao meio-dia, ha conselho.

— Está bem — respondeu Ramon — porém, faze-me o favor de aproximar-te, que tenho que dar-te uma incumbencia para o sr. alcaide.

— Ahi vou — disse o meirinho, seguindo para a propriedade.

— Que incumbencia lhe vaes dar? — perguntou Quica a seu marido, summamente inquieta e agitada.

— O que ha de ser — respondeu Ramon — é que leve a engeitada para a entregar á auctoridade competente.

— Filha da minha alma! — exclamou Quica desfazendo-se em lagrimas, estreitando a criancinha contra o peito, e enchendo-a de caricias.

Ramon comprehendeu então o que sua mulher queria; porém guardou silencio até que chegou o meirinho.

A anciedade de Quica era immensa.

— Chamei-te — disse Ramon ao meirinho — para que leves ao conhecimento do sr. alcaide, que esta manhã encontrámos no forno da casa esta pobre menina.

— É linda, — disse o meirinho reparando na innocentinha — É pena que não tenha mãe...

— Não a tinha esta manhã, mas tem-n'a já — replicou Ramon.

— E quem é sua mãe?

— A mãe de meu filho.

Quica soltou um grito de profunda alegria, e enlaçou o collo de seu marido com o braço que lhe deixava livre a menina.

— Dize, pois, ao sr. alcaide o que ha passado, e acrescenta que perfilhâmos esta menina.

— Cumprirei as tuas ordens — respondeu o meirinho, e de novo tomou o caminho do valle.

— Estás já contente, mãe dos afflictos? — perguntou Ramon sorrindo a sua mulher.

— Estou, e muito. Deus te abençoe!... — respondeu Quica, desafogando o seu jubilo em abundantes lagrimas.

— Vamos, vamos, — disse Ramon com bondade e chiste, — és a mulher mais amiga de crianças que tem nascido. Devias ter casado com S. Vicente de Paulo, que levava as meninas até no bahú.

N'aquelle mesmo dia fez parte dos habitantes de Ipenza, na qualidade de ama da exposta, a visinha que viera dar a esta de mammar, algumas horas antes.

Voltemos, porém a Santiago e *Jariega*, que assim chamavam a Catalina; porque *Jariegos* [1] chamam nas Encartações aos filhos bastardos.

A obra de misericordia com que soccorremos ao pobre é mais agradavel a Christo, do que recebel-o no Sacramento.

PADRE ANTONIO VIEIRA

[1] Em biscaynho, *Jaro* é matto; assim como o é em castelhano *matorral: jariegos* hão de ser, portanto, os filhos das hervas, ou filhos das brenhas.

A IBIS, AVE DO EGYPTO

Se abrirdes qualquer diccionario da nossa lingua, e procurardes a palavra *Ibis*, todos elles vos dirão, pouco mais ou menos: «Especie de cegonha que se nutre de serpentes, e as extermina, pelo que era adorada antigamente entre os egypcios.»

Pois sabei, leitor, que isto é uma patranha que nos envergonha, por andar ainda nos diccionarios portuguezes enganando o povo; porque nunca houve ibis nem cegonhas que comessem serpentes, posto haja cegonhas lexicographicas que comam similhantes araras.

A verdadeira historia natural da ibis, especie de cegonha do Egypto, é a que vamos referir, guiados pela averiguação dos naturalistas modernos.

A ibis sagrada, denominação que lhe davam os povos do antigo Egypto, pelo culto que prestavam a estas aves, tem sido objecto de tantas fabulas que, sem as ibis mumificadas, modernamente descobertas nas necrópoles do Egypto, haveria ainda grande incerteza ácerca dos verdadeiros caracteres naturaes d'esta ave.

Sabe-se hoje, por esses restos que nos conservou a devoção supersticiosa dos vassallos dos Pharaós, que a ibis é uma ave de arribação, da ordem das pern'altas, similhante á cegonha, de um genero pouco afastado dos maçaricos da Europa.

A ibis faz todos os annos longas emigrações, sem deixar nunca as regiões intertropicaes do antigo continente. Só frequenta as margens dos grandes rios, com especialidade os terrenos alagadiços, taes como os arrozaes, onde se acham em abundancia os vermes de que se alimenta. Em caso de necessidade, sustenta-se tambem de plantas aquaticas, mas isto só em ultimo recurso.

Conhecem-se duas especies: a ibis vermelha, de pennas escarlates, e a ibis verde, uma e outra comprehendidas na mesma veneração entre os antigos egypcios. São porém notaveis sob um aspecto essencial: a ibis sagrada é, como o cysne, a andorinha, e um diminuto numero de outras aves, monógama para toda a vida; as uniões entre estas aves são indissoluveis, e nenhum dos dois esposos sobrevive ao outro. A femea da ibis não põe mais de 2 ou 3 ovos, que choca em 25 ou 30 dias.

A carne das ibis em quanto novas é excellente; mas depois de velhas é dura e encorreada.

Ignora-se porque Moysés no Levitico 11.17 prohibiu aos hebreus comerem a carne da ibis.

Os naturalistas antigos, por muito tempo copiados pelos modernos, acreditaram a tradição de que o culto que no Egypto se dava a esta ave, provinha do beneficio que ella fazia aos habitantes d'aquelle paiz, destruindo as serpentes. Nunca a ibis comeu nem matou serpentes. O facto é tão facil de verificar, que parece impossivel fosse ignorado pelos que viviam com as ibis na mais intima familiaridade. Eis em que se estribava esta crença erronea.

Tinham os sacerdotes egypcios feito acreditar aos seus fieis, que todos os annos a ibis, logo que em bandos se afastava do Baixo-Egypto para fazer as suas emigrações annuaes, ia ao encontro de uma formidavel invasão de serpentes aladas, as quaes, sem a corajosa dedicação das ibis, infestariam o Egypto. Herodoto, a quem contaram esta fabula, quiz saber em que se fundava; para o que foi pessoalmente a Buto, cidade da Arabia, perto da qual lhe mostraram o desfiladeiro que servia de campo de batalha das ibis com as serpentes aladas.

Não teve elle o gosto de assistir ao combate, mas fizeram-lhe ver as immensas pilhas de esqueletos de reptis, que lhe disseram ser das serpentes aladas

mortas na ultima peleja com as ibis. Isto refere textualmente o historiador grego, a quem a critica chama *pae da mentira*.

Cicero, Pomponio Mela, e muitos outros auctores gregos e latinos, não fizeram mais que repetir esta narração de Herodoto. A opinião mais provavel é que a chegada annual das ibis ao Baixo-Egypto, coincidindo com a enchente do Nilo, origem da riqueza agricola do Egypto, fôra a causa do culto rendido á ibis sagrada.

A vida da ibis é mui longa, ainda que se não tenha exactamente conhecimento da sua duração. Os



Ibis, ave do Egypto

sacerdotes de Hermopolis alimentavam uma que asseveravam ser immortal; a agua em que esta ibis bebia, tinha-se por sagrada; os sacerdotes empregavam-n'a, com exclusão de qualquer outra, nas ceremonias religiosas.

Os habitantes musulmanos e christãos do Egypto moderno, não herdaram os preconceitos dos seus antepassados em favor da ibis sagrada; porque fazem a esta ave uma tal montaria, que é actualmente rara n'aquelle paiz, inclusivè nos arredores do Cairo, onde é tida como uma curiosidade.

A ibis não aninha nem se multiplica no Egypto, bem que appareça a alguma distancia das cidades; vae aninhar e chocar á Nubia, na Abyssinia e nos cantões que lhe offerecem maior segurança.

Não existe hoje a ibis em nenhum povo revestida, pela superstição, do caracter sagrado que lhe deram os sacerdotes do antigo Egypto, terra classica das mais estultas superstições.

Este artigo serve de rectificação ao que se publicou a respeito da ibis, sem a devida indagação, a pag. 84 do vol. I d'este jornal.

A CASA DOS BICOS

(Vid. pag. 111)

VI

Já que pela primeira vez se soube, pelas nossas indagações, que a tão fallada casa dos Bicos, fôra edificada para perpetuar a memoria e o appellido do grande conquistador da India portugueza, não proseguiremos sem dar conta da paragem das suas cinzas, até hoje esquecidas, não só da patria que elle tanto engrandeceu, mas dos seus proprios descendentes, e dos herdeiros de seus bens!

A estes corre mui mais apertada a obrigação de recolher essas preciosas cinzas, e dar-lhes mausoléo digno do «appellido» que elle lhes legou.

Cabe aqui bem applicarmos a sentença proloquial, de que «os que lhe tem comido a carne lhe roam os ossos.»

Largo espaço váe já do capitulo passado a este de hoje, e todo elle temos consumido em buscas e averiguações da actual paragem dos ossos de Affonso de Albuquerque, tão sumidos e tão misturados já, talvez, como os de Camões!

Parece que o ter ido á India, não a mercadejar, mas a pelejar, foi sentença de opprobrio e extincção para as cinzas dos que lá consumiram a vida.

Longa fôra a lista dos heroes do Oriente a quem negámos sequer uma sepultura honrosa!

Passemos pois á historia dos ossos de Affonso de Albuquerque, que para isso temos documentos novos.

Vejamos primeiro o que diz a este respeito seu unico filho e herdeiro, nos *Commentarios* que escreveu das façanhas de seu glorioso pae.

«Tendo, diz elle, o grande Affonso d'Albuquerque feito seu testamento em que se mandava enterrar na capella de Nossa Senhora que tinha feito em Goa, vindo de conquistar o reino de Ormuz, deixando n'elle feita uma fortaleza, como atraz digo, fez um codicillo, que dizia assim: «Declaro que, fallecendo eu n'estas partes da India, que Nosso Senhor por sua misericordia não permitta, por alguns justos respeitos que me a isso moveram, e por descanço de minha alma, mando que depois de comesta a carne, os meus ossos sejam levados a Portugual, e se enterrem em Nossa Senhora da Graça, da ordem de santo Agostinho, onde jazem meus avós.»

No precioso inédito que está publicando a academia real das sciencias de Lisboa, confrontado o autographo com as copias que d'elle se acharam, pelo consciencioso academico Rodrigo Felner, vem sob a rubrica de «Lenda de Affonso de Albuquerque» o seguinte, a que podêmos prestar inteira fé, porque o auctor, Gaspar Corrêa, foi um dos secretarios particulares que Affonso de Albuquerque teve na India.

Referindo elle a indignação que em toda a India causára a nomeação de Lopo Soares, para render Affonso de Albuquerque antes de acabar o seu tempo, e tendo aquelle homem sido mandado preso para o reino pelo mesmo Affonso de Albuquerque, exprime-se, a respeito dos ossos do grande capitão, nos seguintes termos:

«Em Goa cada dia havia muitas brigas, e matavam e feriam os criados do governador Lopo Soares, porque praticando em coisas da India, elles fallavam mal de Affonso de Albuquerque, o que não podiam soffrer os homens da India, e sobre isso vinham ás brigas.

Tudo o governador sabia, do que havia grande paixão; e sabendo as venerações que as gentes da terra iam fazer á sepultura de Affonso de Albuquerque, a que punham flores e hervas cheirosas, e fallavam com elle como se estivesse vivo, e lhe faziam muitos queixumes; para fazer as gentes perder este credito, assentou de lhe *desfazer sua sepultura*, dizendo que aquella capella era de abobada e forte, e estava sobre a porta da cidade, e que se os moiros com traição entrassem n'ella, seria causa de se tomar a cidade.

E porque os fidalgos sabiam a tenção do governador, que era destruir as coisas de Affonso de Albuquerque, sobre que elle não tomava seus pareceres, não lhe iam á mão. Então me disse a mim, Gaspar Corrêa, que eu era védor das obras da cidade, que derrubasse a capella, e que *a ossada de Affonso de Albuquerque a deitasse debaixo de uma arvore que ahi estava*, ou a fosse deitar na egreja. Eu lhe disse, que bulir com os seus ossos o mandasse fazer pelos clerigos, que o demais eu o faria; e que a capella se não podia derrubar porque era de abobada, e havia mister gastar muito dinheiro em armar-lhe dentro os simples de madeira para a desfechar do encerramento da abobada. Do que elle houve paixão.

Então me mandou que serrasse as traves da capella, e desfizesse o sobrado. O que fiz, e assim esteve a capella sem sobrado muito tempo; e me mandou que lhe derrubasse as boticas que estavam fóra da porta, dizendo que eram alli prejudiciaes se moiros entrassem na ilha, e fossem guerrear a cidade. O que assim fiz, que as derribei. E mandou que as boticas se fizessem além da ponte do ribeiro d'agua, que era d'ahi um tiro de bésta. A isto lhe não iam á mão os fidalgos, porque sabiam a má tenção que tinham ás coisas de Affonso de Albuquerque.»

Em Goa se conservaram os ossos de Affonso de Albuquerque, não obstante o rancor e brutalidade de Lopo Soares, até que de lá saíram para Lisboa, em 1565, como nos refere seu filho, nos seguintes termos:

«Coisa tão desejada de Affonso de Albuquerque, como era trazerem seus ossos a Portugal (como se vê por aquellas palavras do codicillo), descuido fóra de seu filho passarem-se cincoenta e um annos sem lhe cumprir sua vontade; mas como esta obrigação era de Pero Corrêa, e como testamenteiro era obrigado a fazel-o, fica elle desculpado, o qual Pero Corrêa por muitas vezes pediu a el-rei D. Manuel que lhe désse licença para os mandar trazer, a qual lhe não quiz nunca dar, dizendo, que em ter os ossos de Affonso de Albuquerque em Goa, tinha a India segura.

Morto Pero Corrêa, ficou esta obrigação a seu filho, como seu herdeiro, que trabalhou muito com el-rei D. João III por haver esta licença, que lhe sempre negou, pelos muitos requerimentos que teve dos moradores de Goa e de toda a India, que lh'a não désse; e depois de seu fallecimento, governando a rainha D. Catharina nossa senhora estes reinos por el-rei D. Sebastião seu neto, tornou outra vez a este seu requerimento, e passaram-se alguns annos sem o poder acabar, que lhe foi necessario haver uma bulla do papa, com grandes excommunhões aos moradores de Goa, que o não impedissem (parece que não era ainda a hora chegada).

Havida esta licença da rainha nossa senhora, porque já ahi não havia quem n'a impedisse, e indo D. Antão de Noronha á India por vice-rei, que poz força com sua auctoridade a mandal-os; chegaram ao porto de Lisboa a seis do mez de abril de 1566. E da nau em que vinham foram tirados e levados á casa da Misericordia, sendo Ruy Lourenço de Tavora provedor, acompanhados de muitos fidalgos, e alli estiveram alguns dias, coberta a tumba com um panno de veludo carmezim, com muitos clerigos que o acompanhavam, e diziam cada dia missa por sua alma, em quanto se dava ordem a se levarem á ca-

pella-mór de Nossa Senhora da Graça que seu filho *dotou de grossa renda* para seu enterramento.

Estando tudo prestes, um domingo, dezenove dias do mez de maio, foram juntos na casa da Misericordia todos os senhores e fidalgos que havia na corte, para acompanharem estes ossos, e d'alli saíram em procissão, indo diante a bandeira da Misericordia com toda a irmandade; após ella os frades franciscos e agostinhos, e toda a clerezia da cidade, com tochas nas mãos, e no couce o cabido da sé de uma parte, e D. Affonso Henriques, deão del-rei com toda a capella da outra, e após elles a tumba, onde iam os ossos, que levavam os irmãos, coberta por cima com um panno grande de tela de oiro, e diante ia o provedor com sua vara na mão, e Affonso de Albuquerque seu filho de uma parte, vestido em um capuz de dó, com a cabeça descoberta, e da outra parte André de Albuquerque seu sobrinho, da mesma maneira, e detrás da tumba o duque de Aveiro, e seus filhos, e irmãos, e todos os mais senhores e fidalgos e prelados, que a este tempo estavam na corte. A gente do povo era tanta que não cabiam pelas ruas, e assim n'esta ordem foram caminhando em procissão, e por todas as egrejas por onde passavam se dobravam os sinos, e chegaram a Nossa Senhora da Graça, e na capella-mór estava um estrado alto de dois degraus, que quasi a tomava toda, cercado de todas quatro partes com muitas tochas, e alcatifado de muitas alcatifas, e alli puzeram a tumba, em que os ossos iam mettidos, forrada de téla de ouro, acompanhada de muitos criados seus, vestidos todos de dó. E sobre esta tumba estavam dependuradas tres bandeiras das côres e divisas dos tres reinos que o grande Affonso de Albuquerque ganhou aos moiros na India. Em riba d'estas bandeiras estava a bandeira real, que lhe el-rei D. Manuel entregou, muito rota e velha, a qual lhe foi entregue aos seis dias do mez de abril do anno de 1506. E havendo sessenta annos que d'aqui partira, os ossos a tornaram a entregar no mosteiro de Nossa Senhora da Graça, da ordem de santo Agostinho, cheia de muitas vitorias que houve na India, debaixo d'aquelle signal da cruz, reinando el-rei D. Sebastião nosso senhor, e depois de estar tudo quieto, começou mestre fr. Sebastião Toscano sua pregação, da qual não dou razão n'estes *Commentarios*, assim por não fazer grande volume, como tambem por andar impressa.»

Vejamos agora o pouco caso que os frades da Graça fizeram de tão honrados ossos.

ANTIGUIDADES NACIONAES

(Vid. pag. 147)

Apontamento das causas originaes que tem lançado a perder este reino, e posto a India no estado em que se vê. Apontam-se os meios que ha para se tirar dinheiro para o soccorro da India pedido por carta de S. M.

(Reinado do ultimo Filippe em Portugal. Anno 1628.)

17.ª—Que mande V. M. prover os registos de Marçal da Costa, e livros da fazenda, para por elles se extinguirem as muitas tenças inofficiosas que são dadas a escote de 700 e 800 mil réis, por quanto V. M. não tem obrigação, conforme o direito, de as conservar ás pessoas que as tem, nem as mais doações feitas em notavel prejuizo da corôa, como por ellas se mostra, o que já fez um dos senhores reis Henriques de Castella, publicando leis e decretos contra similhantes doações que se fizeram em seu tempo, que ainda hoje, leis que por serem de tanto proveito á mesma corôa, conservam o nome de Henriquenhas, e por taes são celebradas em Hespanha; e nos livros da fazenda se achará doação, portaria ou alvará de duzentos mil cruzados, e outros de oitenta e cincoenta mil cruzados. Que todos estes rendimentos se appliquem a este soccorro da India.

18.ª — Que mande V. M. se tirem clausulas de outras doações de se não pagar a chancellaria, e que se não passem as cartas dos officios das terras de alguns donatarios por suas chancellarias, senão pelas do reino, pelo notavel prejuizo e damno que com ellas se dá aos direitos reaes da dita chancellaria do reino.

19.ª — Que os rendimentos do consulado saem das costas d'este povo, e são offerecidos a mercadores para remirem sua vexação pelas perdas e damnos que receberam e recebem dos inimigos, por falta das armadas da costa e da India. Que se applique para este soccorro, que será uma grande ajuda, por importar (havendo commercio) em mais de 180 mil cruzados cada anno. E o que mais lastima é estar o povo tirando da bocca o rendimento d'este consulado, e não haver um só navio com que se guarde e defenda a costa. Por onde vem a concluir os homens de discurso e razão, que assim Deus como V. M. tem de todo desamparado este reino, sendo d'antes tão prospero e florente.

20.ª — Que mande V. M. para este soccorro da India extinguir os presidios das Indias, por se gastarem com elles, dos rendimentos d'ellas, passante de 50 mil cruzados cada anno; e se os quer ter e conservar, que seja á custa da coroa de Castella, e não á custa do miseravel Portugal. Assim como V. M. faz com as duas companhias de Larache e Mamora, que sendo da conquista e repartição d'este reino, os sustenta e conserva á custa da dita coroa de Castella, quanto mais que notam e consideram todos os homens de guerra, que se vierem forças grandes e poderosas armadas de inimigos, mal lhe podem os taes presidios resistir; e assim é gasto grande, continuo, desnecessario e com perda; e o peor é, que nem a terça parte a elles consignada está hoje nos taes presidios, e estão levando, os poucos que assistem, os pagamentos por encheio, como se estivessem inteiros, que é um sumidoiro sem fundo, e ser V. M. enganado, e elles se fazerem ricos como se estiveram no Mexico; e o reino sem os ditos 50 mil cruzados cada anno. Esta mesma razão milita e cabe no castello d'esta cidade de Lisboa, ao qual se paga da imposição e aposentadoria aos generaes, como hoje é D. Fernando de Toledo, 6 mil cruzados repartidos aos mezes, e o primeiro direito que ha é o seu. N'este particular ha duas coisas: ou V. M. se fia da lealdade portugueza, ou não. Se se fia é escusado o presidio, e mal gastado o que levam os poucos que estão a elle consignados, ainda mesmo em occasião que entre na enseada d'esta cidade (o que Deus não permitta) uma poderosa armada. Já se não aponta aqui como estão os taes presidios, que até os meninos podem subir por elles acima; nem o castello em si está tão inteirado como ao principio foi ordenado, e levam os grandes, que mandam por encheio, andando os soldados pedindo, como miseraveis, esmola pela cidade, que é uma grande vergonha. E se estas razões encontram alguma regra de razão d'estado, se responde que estão ellas hoje taes, pelo que se vê e experimenta, que se não faz já caso d'ellas, porque o tempo tudo altera, muda e dispõe á sua vontade, como faz ás leis, aos costumes e trajos ordinarios. O que o reino gasta com este presidio póde servir para soccorro da India; e se o quer V. M. conservar, seja á custa da coroa de Castella, que é o verdadeiro presidio, e mais solido, seguro e encarecido pelos sabios antigos, e o dos corações dos homens, tendo V. M. estes penhorados e

vencidos com amor, não para que lhe faça novas mercês, tirando de seu patrimonio, pois o não tem, nem póde dar, senão que lhe não ponha cada dia novas imposições, que bem pesadas são as do sal, que já tem, e as da casa dos cincos e consulado, que os reis passados, como paes da patria, não quizeram pelo respeito de não dar oppressão ao povo, que o amor que predomina os corações dos homens da parte do principe, é muito maior e mais forte que a gente de guerra dos presidios, por mais fortificados que estejam com torres, cubellos, baluartes e fossos.

(Continúa)

CORREGIO

Se este grande pintor italiano não se houvera sublimado tanto na sua arte, sendo o primeiro que soube pintar nos tectos as figuras em rigorosa perspectiva, e o que melhor intendeu a arte dos escorços, bastava-lhe a exclamação que fez, instinctivamente, ao ver um quadro de Raphael, para ficar lembrado, pois ficou proverbial, e ainda hoje é citada e applicada pelos escriptores de todas as nações, e sempre na lingua do seu auctor.

Diz-se que Corregio, sentindo o ardor que transfunde o talento, e os ignorantes tem por vaidade, exclamára á vista da *Transfiguração* de Raphael: *Anch'io sono pittore!* (Tambem eu sou pintor!) Contestam-lhe alguns esmerilhadores pueris este dito, mas o certo é, que ficou sendo o moto do famoso pintor.

Antonio Allegri, appellidado o Corregio, da cidade d'este nome, no ducado de Modena, onde nasceu em 1494, foi um dos maiores pintores que houve depois do renascimento das artes.

Alguns biographos italianos, entre elles o padre Affo e Tiraboschi, se deram a minuciosas investigações sobre a vida de Corregio, sem poderem dissipar de todo as obscuridades em que se acha envolvida. A sua familia occupava um dos primeiros logares na terra natal; do que se póde conjecturar que a sua educação fôra esmerada. Não se sabe com certeza o nome do professor de quem recebeu os principios de desenho. A similhança que tem a sua primeira maneira, um tanto sêcca como era a de André Mantegna, tem feito suppor que elle seguíra as lições d'este mestre, ou se formára pelas suas obras. Corregio foi, como Raphael, um homem de genio, e em si mesmo achou todos os recursos para crear uma eschola. Não tinha nenhum pintor, antes d'elle, conhecido a disposição do claro-escuro, nem a arte dos escorços. Desenho, composição, tinta, graça, expressão, todas estas partes da arte levou elle a um grau de perfeição tal, que poucos pintores haviam chegado a tanto.

Contava apenas vinte annos quando os franciscanos de Corregio o encarregaram de pintar o retabulo do altar-mór da sua egreja. Por este quadro, sua primeira obra notavel, pagaram-lhe cem ducados de oiro. Embora se diga que era uma somma consideravel para o tempo, isto prova, como judiciosamente notou Tiraboschi, que o seu talento já era então apreciado. Corregio veiu a Parma em 1519, onde pintou successivamente a cupula de S. João e a da cathedral. N'uma representou a *Ascensão de Christo*, e n'outra a *Assumpção da Virgem*, as duas melhores composições que elle executou. Consumido pelo genio, e por desgostos, morreu em 7 de março de 1534, tendo apenas quarenta annos. O que se diz da sua pobreza não tem verosimilhança, porque pertencia a uma familia abastada; seu pae, que lhe sobreviveu alguns annos, deixou uma grande herança. Quando Corregio se casou, recebeu de sua mulher um dote consideravel. Além d'isso era laborioso e mui economico. Censuravam-no os amigos de viajar a cavallo, podendo ter uma carruagem. Entretanto, dizem alguns historiadores, que, acabando de pintar a famosa cupula da cathedral de Parma, os conegos que lhe tinham encommendado a obra, lhe regatearam o preço que elle pedira, rebaixando-lh'o a final a duzentas libras tornezas, que de mais a mais, por desfeita e vileza, lh'as pagaram em cobre. O pobre artista teve de ir carregado com esta somma até casa, que distava duas ou tres legoas d'aquella egreja. Com tal peso, por um sol ardente, e com a sensação que lhe causára o insulto e mesquinhez dos conegos, indo a transpirar copiosamente, bebeu agua de uma fonte, que no caminho se lhe deparou, com tanta avidez, que foi logo accommettido de um pleuriz, que em tres dias o levou á sepultura.



Entre as obras primas de Corregio contam-se por mais celebres, a *Noite* e *S. Jeronymo*. As suas pinturas, feitas no mosteiro de S. Paulo de Parma, foram gravadas em 35 estampas, e publicadas com um texto explicativo em tres linguas, italiana, franceza, hespanhola, 1800, in fol.

Ha poucos museus notaveis que não possuam algumas telas d'este pintor.

O sr. conde de Sobral tem uma *Sagrada Familia*, de Corregio, e na excellente galeria do sr. conde da Atalaya, no palacio da Costa do Castello, ha tambem alguns originaes d'este mestre.

Na famosa galeria do conde da Ericeira, no seu palacio do largo da Annunciada, que ardeu pelo terremoto de 1755, entre os duzentos quadros de que ella se compunha, havia alguns originaes de Corregio.

O museu real de Paris possue tres: *O casamento mystico de Santa Catharina, Christo coroado de espinhos, Jupiter e Antiope.*

Tão injusto é condemnar o possivel, como assentir de leve ao que a razão faz repugnancia.

Explicação do enigma do numero antecedente

O mundo está cheio de pelotiqueiros

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do conde de Sampaio.